



Transformando vidas: Diálogos sobre os impactos visíveis e invisíveis da violência de gênero

Lívia Viana Macêdo¹, Maria do Socorro Araújo², Maria Fernanda Bessa Viana Rosado Maia³, Vitória Medeiros dos Santos⁴, Betânia Maria de Oliveira Amorim⁵, betania.maria@professor.ufcg.edu.br

Resumo: As atividades desenvolvidas no projeto tiveram como finalidade promover espaços de produção de diálogo, reflexão e problematização em torno da sexualidade e dos impactos diretos e indiretos da violência de gênero. As intervenções embasadas na pedagogia problematizadora de Paulo Freire tiveram como público-alvo um grupo de mulheres residentes do complexo habitacional Aluízio Campos cadastradas no CRAS, possibilitando um espaço de fala sobre as situações cotidianas que afetam sua saúde mental. As ações realizadas contribuíram para a desconstrução de estereótipos de gênero e o fortalecimento de políticas públicas e ações afirmativas em prol da igualdade de gênero. Os resultados evidenciam a importância de ações integradas e colaborativas para combater a violência de gênero e promover uma cultura de respeito e igualdade.

Palavras-chaves: *Sexualidade, violência de gênero, mulheres, saúde mental.*

1. Introdução

A violência de gênero é uma questão pertinente e atual que pressupõe a necessidade de inclusão da temática nos mais diversos espaços sociais, com vistas a construção de espaços abertos de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico. Todavia, ainda é muito discreta a referida inclusão em função das crenças, dos valores e dos estereótipos que culturalmente foram construídos e naturalizados em torno da sexualidade e do gênero.

Considerando a complexidade que entremeia a abordagem da sexualidade e da violência de gênero, foram desenvolvidas estratégias que possibilitam a vinculação das informações e à reflexão, permitindo às mulheres participantes da ação uma posição ativa, através da exposição de suas ideias, sentimentos e experiências, a fim de que pudessem exercer uma visão crítica e uma práxis transformadora. Assim, essa mobilização sutil na posição acerca das questões que atravessam a violência de gênero promove uma posição ativa na realidade^[1] com possibilidades de transformação da atitude, concepções, valores, crenças e estereótipos naquilo que se refere a sexualidade, a partir do diálogo, da reflexão e da problematização.

A violência de gênero é um problema social grave que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, causando danos físicos, psicológicos e emocionais. É essencial abordar essa questão por meio de diálogos e debates que possam promover a conscientização e a mudança de

comportamento. Esta ação extensionista buscou não apenas expor os impactos visíveis da violência de gênero, como lesões físicas e traumas psicológicos, mas também os impactos invisíveis, como a perpetuação de estereótipos e a reprodução de relações desiguais de poder. Ao sensibilizar a comunidade para essa problemática, pressupomos ser possível transformar vidas, promovendo a igualdade de gênero e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

O público-alvo compreende, aproximadamente, 50 mulheres residentes no bairro Aluízio Campos, Campina Grande – PB, cadastradas na Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Buscamos promover espaços de protagonismo, a partir da promoção do diálogo, reflexão e problematização em torno da sexualidade e da violência de gênero. Desse modo, foi possível repercutir na formação identitária das mulheres envolvidas, de tal forma que estas pudessem reconhecer, respeitar, acolher, dialogar e conviver com a diversidade de aspectos que envolvem a sexualidade e as questões de gênero.

2. Metodologia

Nossa metodologia de trabalho está ancorada na Pedagogia Freiriana, a qual compreende que o diálogo se configura como um elemento pedagógico e epistemológico essencial. Nesta perspectiva, foram construídas práticas problematizadoras que fomentaram a participação ativa, a qual fez parte de um movimento de desenvolvimento do potencial crítico e criativo das participantes e auxiliou na elaboração de estratégias para a resolução de problemas identificados pelas mulheres, além da construção da identidade comunitária entre elas e as problemáticas vivenciadas. Estas atividades foram estabelecidas por meio do diálogo e das trocas de histórias e memórias, estimulando-as no que se refere ao desenvolvimento de sua autonomia para criticar, decidir e avaliar.

Em outras palavras, como nos diz Freire^[2], não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Nesta linha de raciocínio, foram utilizados os princípios das metodologias participativas, cujo foco reside em trabalhar os problemas/tensões, refletindo sobre estes, para criar possíveis soluções e apostando no protagonismo dos participantes. As práticas refletiram os princípios da proposta freireana que prioriza a ação humana com base na comunicação dialógica sendo esta comunicação

^{1,2,3,4} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁵ Coordenadora, Professora associada, vinculada a Unidade acadêmica de Psicologia, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

horizontal, onde os sujeitos sociais compartilham experiências de transformação e autotransformação.

As metodologias participativas consideram a relevância das diversas interseções que o sujeito está inserido como gênero, raça e classe, compreendendo que o espaço acadêmico, assim como outros cenários de prática, são locais para se identificar e problematizar as contradições sociais e a realidade, interconectando o saber e o fazer a partir de lugares de fala e escuta singulares, que, consequentemente, superam a dicotomia entre o saber intelectual e o saber do senso comum.

Assim, as intervenções foram realizadas com base nas Metodologias Participativas cujo arcabouço teórico-metodológico encontra-se na pedagogia problematizadora de Paulo Freire^[1,2,3] aliada, no contexto do projeto, a uma vasta literatura sobre gênero e sexualidade^[4,5,6,7]. Nesta perspectiva, as intervenções foram construídas coletivamente a partir das demandas que surgiram no próprio grupo, sendo abordadas temáticas como maternidade, padrões de beleza, papéis de gênero, economia do cuidado, relações amorosas e saúde mental – temas recorrentes ao longo dos encontros, que se tornaram um meio para abordar as desigualdades e a violência de gênero.

3. Resultados e Discussões

Durante a execução do projeto foram realizadas 5 intervenções com um grupo de mulheres residentes do complexo habitacional Aluizio Campos. Por meio da parceria estabelecida com o CRAS Aluizio Campos as ações do projeto impactaram cerca de 50 mulheres em situação de vulnerabilidade social e/ou afetiva, ao passo que mobilizaram toda a equipe do CRAS para a responsabilidade social frente às questões abordadas nos encontros. O grupo das mediadoras das atividades, composto por 4 discentes, também vivenciou os efeitos das ações realizadas, evidenciando um crescimento significativo a nível pessoal, acadêmico e profissional.

As ações desenvolvidas mostraram-se promissoras para o alcance dos objetivos de desenvolvimento sustentável – ODS 2030, quais sejam saúde e bem-estar, igualdade de gênero e redução das desigualdades, como é possível observar nos itens a seguir:

3.1. Intervenção 1 - As implicações que atravessam o “ser mulher”

Partindo da compreensão da violência de gênero enquanto um fenômeno social, histórico e cultural que se manifesta de formas variadas^[5,6,7] e considerando o objetivo do projeto de produzir diálogos sobre os impactos visíveis e invisíveis da violência e da desigualdade de gênero, a primeira intervenção foi elaborada para coletar demandas oriundas do grupo acerca do “ser mulher”. Para tanto, construímos uma ferramenta que pudesse introduzir essa temática de maneira mais sutil, tendo em vista que o vínculo com o grupo ainda estava em construção. A ferramenta foi baseada na figura de uma mandala, na qual encontrava-se, ao centro, a figura de uma mulher.

Durante a intervenção, foi proposto que, próximo ao centro da mandala, deveriam ser colocados os elementos

que as participantes consideravam que as aproxima do “ser mulher” de forma positiva, enquanto nas extremidades da mandala estariam aquilo que elas consideram difícil e doloroso em suas experiências enquanto mulheres. A maternidade foi o principal elemento citado por elas como algo que consideravam positivo na experiência de ser mulher, embora seus relatos viessem acompanhados de histórias de sobrecargas, solidão e abandono. Por outro lado, desvalorização, pressões estéticas, julgamento e sobrecarga de trabalho foram os principais temas que ocuparam as extremidades da mandala.

Com o intuito de problematizar os papéis de gênero enquanto construção socioculturais, questionamos, junto ao grupo, por quais motivos esses fenômenos aconteciam e se repetiam com tantas mulheres. A discussão sobre essas questões suscitou um debate no grupo sobre o que faz uma mulher ser uma mulher. O grupo divergiu: algumas defendiam que, para ser mulher, a pessoa precisava ser mãe, enquanto outras discordavam veementemente. Essa discussão mostrou-se muito frutífera, pois nos permitiu refletir sobre as contradições das imposições do patriarcado, desnaturalizando-as. Além disso, a divergência de opiniões foi importante para exercitar o contraditório, estimular o respeito no grupo e estreitar os laços.

Assim, a primeira intervenção nos permitiu identificar, na prática, a partir dos inúmeros relatos evocados pela mandala, a força com que os dispositivos materno e amoroso operam na realidade de tantas mulheres, produzindo sérias implicações para a sua saúde e qualidade de vida^[7]. Ademais, foi possível identificar, também, temáticas consideradas recorrentes no dia a dia dessas mulheres que foram utilizadas para a construção das intervenções posteriores.

3.2. Intervenção 2 - O mito da beleza: existe a mulher ideal?

Ao adentrar questões que atravessam o cotidiano do ser mulher, percebe-se que a autoestima aparece de forma gritante, principalmente no discurso das mulheres participantes. Nesse sentido, ao serem indagadas sobre o que as afasta do universo feminino, elas pontuaram que as críticas e julgamentos sobre a aparência e o modo de vida são aspectos fundamentais para essa sensação de deslocamento. Assim, desenvolvemos uma dinâmica, dividindo-as em subgrupos para que cada um destes indicasse, a partir da escolha das imagens que apresentamos, quais das mulheres listadas no material produzido para a intervenção seria a mais interessante/adequada/ideal. As referidas imagens reproduziram figuras femininas com padrões de diferentes épocas, tamanhos e raça, para englobar a diversidade presente no grupo e na sociedade. Após a seleção das imagens dos subgrupos, as participantes compartilharam suas escolhas e os motivos para tal escolha, iniciando assim as reflexões e discussões pertinentes ao tema abordado. A nossa proposta de discussão estava relacionada com a impossibilidade desses padrões de beleza. A principal característica é de que sejam inalcançáveis, tratando-se de uma estratégia mercadológica e perversa que persegue as mulheres rumo

à insatisfação com a própria imagem e que afeta todas as dimensões do cotidiano feminino: como se veste, fala, alimenta, cuida, entre outros fatores que marcaram o discurso expresso pelas mulheres. As respostas das participantes foram uma surpresa, pois, a maioria, escolheu a Zezé Motta como a mulher ideal, pelo sorriso cativante, pela história que carrega no corpo, e isso é um espelho do que contam sobre elas, histórias de infinitas batalhas, o cuidado sempre voltado para o outro, o tempo para si é pouco, mas ainda tem tempo para sorrir e partilhar nos nossos encontros.

Nessa perspectiva, a primeira fala delas foi: “*Não existe mulher ideal*”. Desse modo, percebemos a necessidade de atualizarmos nossas discussões. Sendo assim, o diálogo discorreu sobre o sofrimento causado pela procura de algo impossível. “*Quero um corpo magro, mas não tenho tempo de ir para academia, muito menos dinheiro para tal*”. Existem inúmeras barreiras que permeiam a existência de cada mulher e impactam sua autoestima, a qual não está limitada apenas à feminilidade, mas também às diversas identidades que a compõem, a exemplo da maternidade. Será que existe uma mãe ideal? Não. Então por que falam tanto da criação que dão aos filhos? Portanto, esta reflexão nos leva a pressupor que as participantes puderam perceber que as críticas que circulam as questões de gênero estão associadas com a tentativa de generalizar e idealizar algo que é subjetivo. Ser mulher, ser bonita, ser uma boa mãe é aquilo que é possível e torna cada uma feliz consigo.

3.3. Intervenção 3 - Setembro amarelo: ampliando as compreensões do cuidado

Visto que estávamos no mês de Setembro, e devido este período ser marcado pela campanha sobre prevenção ao suicídio, desenvolvemos uma dinâmica para abordar esse tema de forma mais abrangente. Nossa intenção foi considerar as várias perspectivas de cuidado com a saúde mental, incluindo questões sociais que nos afetam. Elaboramos um slide com algumas citações emocionantes sobre o suicídio, para ser reproduzido no início do encontro. Entre as frases escolhidas, destacamos algumas de autoria de Carolina Maria de Jesus, a saber: “*Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome.*”

Dessa forma, ao apresentarmos o slide, propusemos que as participantes formassem grupos contendo entre 3 e 5 mulheres a fim de discutir entre si quais fatores do cotidiano afetam sua saúde mental. Em seguida, pedimos que escrevessem em outra folha quais ações, dentro do contexto de vida de cada uma, poderiam ser feitas para amenizar esses fatores negativos para a saúde mental. Para tanto, entregamos duas folhas de ofício e 1 caneta para cada grupo. Definimos um tempo de 10 minutos para a realização de cada etapa. Após essa etapa iniciamos a apresentação de cada grupo, para que pudessemos compartilhar o que foi abordado entre os grupos. Em linhas gerais os relatos apontaram o quanto foi importante que todas pudessem falar abertamente sobre situações cotidianas que afetam sua saúde mental, pois este momento proporcionou uma oportunidade para estas

mulheres elaborarem soluções dentro do seu contexto de vida, na medida do possível. A potência desse momento se deu também quando, em grupo, estas participantes perceberam que o coletivo poderia ser um fator de proteção para a sua saúde mental.

3.4. Intervenção 4 - Cortar, colar e cuidar: fortalecendo o cuidado em grupo

Na preparação da oficina selecionamos algumas revistas e recortamos imagens, frases e palavras e as organizamos em envelopes para utilizarmos no desenvolvimento desta atividade. Optamos por escolher figuras que fossem relacionadas aos assuntos abordados nos encontros anteriores pelas próprias participantes e que representasse o perfil grupal, caracterizado por mulheres em sua maioria mães ou avós que têm as atividades domésticas e de cuidados para terceiros como centralidades em suas vidas, sendo também marcadores identitários.

Ao iniciarmos a atividade, as participantes foram divididas em cinco subgrupos constituídos por aproximadamente quatro mulheres, com o intuito de ser um momento de integração e construção de vínculos entre elas. Devido às usuárias do serviço passarem boa parte do tempo diário realizando atividades domésticas, elas acabam por ter seus laços sociais reduzidos, convivendo apenas com o seu núcleo familiar, sendo essenciais para a saúde mental essas trocas com outras mulheres promovidas a partir dos encontros. Após a divisão dos subgrupos distribuímos os materiais, fornecemos cartolina, lápis, canetas, cola e os envelopes que continham diversas imagens. Estabelecemos um período de vinte minutos para a produção das colagens. Neste interim, foi utilizada a música como um recurso terapêutico adicional.

A colagem é uma estratégia que ocorre a partir da combinação de várias imagens, frases ou palavras diferentes pode-se construir algo novo, dando-lhe uma nova significação, proporcionando às mulheres uma série de sensações, percepções e interpretações a partir do processo de criação de suas obras. Posteriormente à construção, solicitamos que as participantes apresentassem as colagens para o restante do grupo para relatar como se sentiram nesse processo. Nas falas estiveram presentes reivindicações sobre os direitos básicos do ser humano, como o acesso a água e alimentação adequada, a crença em alguma religião como recurso e forma de enfrentamento às adversidades vividas diariamente e a importância da saúde física e mental como autocuidado. Próximo a finalização da atividade uma das participantes do grupo relatou ter chegado ao encontro estressada devido aos conflitos familiares, entretanto, ao longo da atividade conseguiu relaxar e sentir-se mais calma.

3.5. Intervenção 5 - Comemorando nossas narrativas: celebrando histórias, sonhos e vivências

A última intervenção, estruturada em roda de conversa, foi um momento no qual as participantes puderam relatar as suas impressões sobre as atividades desenvolvidas até então, destacando as potencialidades e fragilidades percebidas. Na ocasião, compartilharam

também desejos para o futuro, sugestões, além de construir uma retrospectiva dos laços ali estabelecidos. Esse momento nos permitiu elaborar uma série de reflexões sobre os impactos das atividades de extensão.

Tendo em vista a potência dos diálogos promovidos a partir das intervenções, bem como dos processos de conscientização, de construção de uma rede de apoio e de desenvolvimento de subjetividades que foram mobilizados pelos encontros grupais, torna-se evidente o impacto do projeto na vida das mulheres que participaram. Tensionar as categorias de gênero enquanto produções histórico-culturais, bem como problematizar os elementos subjacentes à construção das relações de gênero mostrou-se um passo fundamental para alcançar a Igualdade de Gênero - um dos objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Além disso, em tratando-se de um espaço de fala e de compartilhamento de experiências, o grupo, ao longo da execução do projeto, mostrou-se enquanto um espaço de produção de Saúde e Bem-Estar para mulheres em contextos de vulnerabilidade e sobrecarga. Por fim, considerando a realidade da comunidade do Complexo Habitacional Aluizio Campos, que se encontra desassistido de muitos dispositivos sociais, de saúde, de lazer e de educação, promover essas atividades no CREAS do Complexo representou uma forma de mitigar as desigualdades que apartam a referida comunidade do restante da cidade.

Ao longo das atividades desenvolvidas, foi possível perceber/reiterar que a violência de gênero não se restringe apenas a agressões físicas, mas também se manifesta de forma psicológica, emocional e econômica, deixando marcas profundas nas vidas das pessoas afetadas. Através dos diálogos promovidos, foi possível perceber a importância de ampliar a conscientização e promover a educação sobre o tema, buscando desconstruir padrões e comportamentos que perpetuam a violência de gênero.

4. Conclusões

As ações realizadas estão alinhadas de maneira coerente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para 2030, promovendo a igualdade de gênero, redução das desigualdades e fortalecimento dos pilares essenciais para um desenvolvimento sustentável e inclusivo. Portanto, desempenha um papel fundamental na promoção da conscientização e educação sobre questões sociais importantes, como a violência de gênero. Este projeto, em particular, teve o intuito de promover um espaço seguro e acolhedor para o diálogo e a reflexão sobre os diversos aspectos da violência de gênero, incluindo os impactos que muitas vezes passam despercebidos. Ao abordar essas questões de forma sensível e informativa, o projeto ajudou a conscientização do grupo atendido, e, por conseguinte, contribuiu para sensibilizar a sociedade e a promover a

equidade de gênero. Além disso, ao envolver a comunidade acadêmica e a sociedade civil, o projeto contribuiu para a construção de uma rede de apoio e solidariedade, essencial para enfrentar e prevenir a violência de gênero. Em última análise, iniciativas como essa são essenciais para a transformação social e a promoção de uma cultura de respeito e igualdade de direitos.

É importante destacar o crescimento pessoal, acadêmico e profissional experimentado pelo grupo de mediadoras. Esta atividade acadêmica promoveu para as discentes envolvidas uma maior conscientização e sensibilização em relação a questões sociais complexas e urgentes, como a violência de gênero. Ademais, tiveram a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, ampliando a capacidade de reflexão e análise crítica sobre o tema. Assim, projetos de extensão como este não apenas enriqueceram a formação acadêmica das discentes, mas também as capacitam a se tornarem agentes de transformação social, comprometidas com a promoção da igualdade de gênero e o combate à violência.

Conclui-se, portanto, que a luta contra a violência de gênero deve ser contínua visando construir uma cultura de respeito e equidade de gênero. Através da promoção de diálogos e debates, é possível transformar vidas e construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

5. Referências

- [1] FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- [2] FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- [3] FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- [4] LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- [5] SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. 1a. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- [6] SILVA, Marlise Vinagre. Violência contra a mulher: quem mete a colher? São Paulo: Cortez, 1992.
- [7] ZANELLO, Valeska. Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação. Curitiba: Appris Editora, 2018.

Agradecimentos

À Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres da Prefeitura de Campina Grande e ao Centro de Referência da Assistência Social - Aluizio Campos pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.